

CORPOS SIMULAM CORPOS QUE NASCEM EM VERSOS (RE)VERSOS METAMORFOS MOFOS FEITOS: ENSAIO

Iáscara Oara de Jesus
oarajesus@gmail.com

Resumo: Enquanto corpos inacabados, partimos em busca de possibilidades e tecnologias que propiciem a potencialização/aperfeiçoamento do corpo humano gerado em espaços concretos. Corpos sociais, culturais e biológicos são educados para protagonizar encenações em espaços urbanos. Constrói-se aí outros significados e representações definindo um jeito de ser e estar no mundo a partir destas estruturas objetivadas discursivamente por narrativas distribuídas por enunciados. Discutir e ensaiar sobre estes corpos em construção nos permite refazer cartografias que desvelam caminhos percorridos e outros a serem desvendados.

Palavras-chave: Educação. Corpo. Tecnologia. Subjetivação.

O corpo nu treinado e domesticado por “tecnologias de si”, se subordina e direciona meu olhar pesquisante para uma leitura e compreensão do que é concretizado, propagado e institucionalizado por práticas e técnicas de mercados em expansão. Exaltados e apresentados com as formatações que legitimam a supremacia de um formato, uma matriz(?) é escolhida e determina comportamentos(?). Consequentemente, garante-se a este corpo/sujeito os recursos culturais, educacionais, políticos, sociais e econômicos (Sloterdijk, 1993).

Enquanto corporalidades inacabadas, partimos em busca de possibilidades e tecnologias que propiciem a potencialização e o aperfeiçoamento da estrutura corporal que nos define(?) e nos possibilita o pertencimento. Gerado em cenários concretos de educação, estes, abrem-se para outros significados e representações definindo um jeito de ser, estar e formatar estruturas que são construídas discursivamente por enunciados. Discutir o papel atribuído ao corpo e o entendimento de ética corporal nos permite refazer cartografias que desvelam caminhos percorridos pelas corporalidades e outros a serem desvendados.

Nos espaços e tempos de corpos performáticos, este, é (de) composto, diluído, massificado, controlado, estabilizado e (re)composto em protótipos que são distribuídos em pontos de varejo para uso em grande escala. Receitas elaboradas por especialistas autorizam esse deslocamento e uma base/superfície orgânica, ideada em laboratórios para o consumo, é exposta em vitrines. Vorazmente subjugada, a carne/humano anseia por se concretizar e ser visível, arqueia e se dobra. Para (ARTAUD, 2008, p.285) “o corpo sob

a pele é uma fábrica superaquecida, e, do lado de fora, o doente brilha, reluz, por todos os poros, explodidos". A imagem que Artaud apresenta nesta frase facilita nosso entendimento sobre os estratos que se compõem a partir do que vemos e do que não vemos. Neste limite que se forma e continua em formação, discursos afirmam existências que iludem e nos tornam reais enquanto objetos concebidos através de enunciado que "circula, serve, se esquivava, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de derivação" (FOUCAULT, 2008, p. 119), e um corpo se forma por pequenos pedaços e permite um entrelaçar que já se revela diferente de sua existência primeira.

Agamben (2017), ao dialogar com os discursos de Michel Foucault, percebe a biopolítica da modernidade como geradora da vida desprotegida, a vida nua. Enquanto superfície, o corpo não tem sido marcado/treinado/educado pela grafia civilizatória para incorporar um determinado comportamento. Com as novas tecnologias, possibilidades outras modificam e propõem acoplamentos e instalam próteses. Diversificadas e sofisticadas, algumas são imperceptíveis, outras nem tanto, potencializando-os para a produção.

Nesse sentido, a importância de perceber as múltiplas utilizações dos corpos em sua nudez, reside no fato de podermos refletir sobre as relações que se instalam pelo caminho e vislumbrar um futuro para além daquele que se exerce no presente momento e que nos faz curiosos seres vivos e observadores das configurações do corpo objetivado e subjetivado na ótica de Foucault e des-subjetivado na de Agamben. Para Foucault subjetividades significativas são realinhadas e redistribuídas.

Já Agamben (2017), nos propõe um olhar que des-subjetiva este corpo. Para ele "sujeito e objeto são desativados e tornados inoperosos, e, em seu lugar, entra o uso como nova figura da prática humana". (AGAMBEN, 2017, p.49). Com seu olhar focado no futuro, atento aos novos formatos e entendimentos do corpo, em seu livro *Uso dos corpos* [homo sacer, IV,2] cartografa e amplia a discussão do cuidado de si feita por Michel Foucault.

O filósofo italiano que tem reinventado a problemática do cuidado de si e do conhecimento de si, chama nossa atenção para possíveis caminhos e fugas que desarticulam poderes e saberes e dá a possibilidade de des-subjetivação do corpo. Pensar o corpo que se anuncia e que pede revisão, "pelo menos em princípio, a ideia de que seja possível outro corpo para o homem, de que o corpo humano seja constitutivamente

dividido. Procurar compreender o que significa “uso do corpo” significará também pensar esse outro possível corpo do homem” (AGAMBEN,2017, p.27) que se confunde, se dobra, se potencializa e se destitui em meio a um contexto que se ressignifica e se redesenha num contínuo.

discursos móveis e flexíveis, a serviços do poder econômico, modulam e pensam nossos corpos em andamento, para atuarem em um mercado que tem sua estrutura em uma prática generalizada de consumo que se alimenta pela obsolescência das materialidades corporais tratadas como objetos de consumo. O corpo (re) arranjado a partir dele mesmo. Vida e forma não se separam. “A vida humana – na qual cada um dos modos, dos atos e dos processos do viver nunca são simplesmente *fatos*, mas sempre e sobretudo são *possibilidades* de vida, sempre e sobretudo potência”. (AGAMBEN,2017, p.233).

Neste espaço de insubordinação, dobras e estratos, onde o corpo nasce e morre continuamente, nos são oferecidos outros personagens que nos tornam híbridos descontínuos provisoriamente estruturados nas e pelas relações e enunciados que como uma colcha de retalhos que se movimenta e se retroalimenta dos pequenos pedaços redimensionando o mosaico que se (des) monta.

Corpos em metamorfose se declaram e vão se transformando em índice que autoriza e recompõe em espaços outros de corpos (re)apresentados em receitas que prescrevem próteses “ao mesmo tempo em que nos oferece paliativos intermináveis nos coloca na fila agonizante de um doente crônico cultural [...]”(COUTO, 2009, p.44). Outro personagem atravessa minha carne, me contém e provoca efeitos feitos outros. Sonoridades enunciativas compostas controlam e um outro se revela e ocupa um lugar. Qual? Não sei. ENSAIO.

Revelados em fragmentos “provocam um certo número de efeitos, alguns puramente nocivos e outros não controláveis, que fazem a espécie humana entrar em uma história aleatória, em um campo de probabilidades e riscos cuja magnitude não se pode medir com precisão”. (FOCAULT,2010, p.175). Percebo, ao olhar e ver as possibilidades e deslocamentos que são ideados para a constituição do corpo a serviço de algo ou alguém que as inserções evoluem rapidamente, desnorteando a todos e inserindo códigos que cada vez mais controlam, manipulam, (des) fazem, e declaram normalidades em imagens que comunicam e que tornam-se protótipos e matrizes a serem seguidas. “A medicalização seria assim – para os adeptos da tese do controle social – uma forma de

imperialismo médico e de exercício do controle, que negaria a ação autônoma por parte dos indivíduos”. (ZORZANELLI, R., ORTEGA, F. & BEZERRA, B. 2013, p.5)

Modificações cada vez mais presentes e qualificadas/certificadas por técnicas em constante transformar-se/sofisticação distribuem, através das instituições credenciadas e autorizadas para determinarem quais mascaras que serão autorizadas, sacramentadas e conduzidas pelo mercado que consome vorazmente e subjuga a carne/humano que anseia por se concretizar e ser visível.

É nesta vontade que domina e é estimulada o tempo todo por uma multiplicidade de meios de comunicação e redes sociais que o mercado e as corporações se estruturam e se perpetuam, produzindo necessidades físicas e mentais, imagens corporais inatingíveis e dependências que farão com que o sistema instalado e em pleno vigor que domina grande parcela dos habitantes planetários a geração de demandas. Enredado e prisioneiro vamos seguindo, e para atingir metas cada vez maiores vamos em busca das próteses que prometem e nos ajudam a trilhar o caminho do poder, empoderamento tão difundido e assimilado hoje em dia. Extensões para que este corpo produza cada vez mais são disponibilizadas em shoppings que vendem a ideia de super corpos.

Arranjados e autorizados seguem na fila organizada pelos que governam e recrutam. Para (FOUCAULT, 2010, p.181) “O que rege a sociedade não são os códigos, mas a perpetua distinção entre o normal e o anormal, o perpétuo empreendimento de restituir o sistema da normalidade” que é reescrita a todo instante. O movimento está sempre em movimento. Sem trégua a corporeidade se/é mantida em uma roda que na obsolescência se revigora. Do índice se concreta em imagens para o consumo. “A medicina, então, estabelece diversas medidas de controle sobre o corpo do individual e o coletivo, possibilitando o exercício cada vez mais refinado do poder sobre a vida”. (GAUDENZI, P.; ORTEGA, F.,2012, p.22).

Esse corpóreo tornado objeto, para atender demandas de “mercados promocionais da felicidade e do bem-estar” (COUTO,2009, p.44) são fixados em peças publicitárias de prescrição fácil e torna-se instrumentos de experimentação em templos contemporâneos. Para “(COUTO, 2009, p.44) “a farmácia é uma alegoria da vida contemporânea, um lugar que, com a promessa sempre celebrada de amenizar ou eliminar as dores, seduz e atrai os homens-mariposas que alegremente se debatem até a completa exaustão, a morte certa e brutal”.

Um corpo (re)arranjado e potencializado a partir de acoplamentos e próteses se expressa e passa pertencer. num jogo que se estabelece em um mercado que observa e se

constitui em redes que se esforça para potencializar este corpo dinamizando-o a partir de sofisticados processos e conhecimentos que por sua vez geram um sujeito dissociado da humanidade até aqui praticada/conhecida. Uma humanidade se apresenta em uma não humanidade que vai se constituindo em meios artificiais e formulas que prometem formas exatas e capazes de nos manter em estado de felicidade 24X24.

Um ciclo é estabelecido para a circulação e aprimoramento deste corpo garantindo a permanência do sistema de consumo. Neste arranjo que projeta a vida, o corpo biológico, me parece, está a serviço de um sistema que privilegia técnicas e tecnologias que materializam uma imagem perfeita que deve ser perseguida e adotada como modelo. No tempo/espaço da alta performance “tipos humanos são criados pela ciência” (GAUDENZI, P.; ORTEGA, F.,2012, p.24) e dão a sensação de desconexão e distanciamento em que um corpo sem sombra se anuncia e o Frankstein de Mary Shelley é atualizado.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. *Crise da medicina ou crise da antimedicina*. In **Verve**, 18: 167-194, 2010.
- ZORZANELLI, R., ORTEGA, F. & BEZERRA, B. *Um panorama sobre as variações em torno do conceito de medicalização entre 1950-2010*. Revista de Saúde Coletiva (http://www.cienciaesaúdecoletiva.com.br/artigos/artigo_int.php?id_artigo=12505). 2013.
- ALMEIDA, V.F. Machado. In **Corpo e processos de criação nas artes cênicas** [recurso eletrônico] / organizadores Marcilio de Souza Vieira, Robson Carlos Haderchpek. – Natal, RN: EDUFRN, 2016.
- ARTAUD, A. **Linguagem e vida**. 1ª ed.- São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.p.292
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt, 1925: **Retrotopia**/trad. Renato Aguiar. -1ª ed.- – Rio de Janeiro; Zahar, 2017.
- COUTO, E. S. **Corpos dopados, medicalização e vida feliz**. In: Ribeiro, P. R., Silva, M. R., Goellner, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente**. Rio Grande: FURG, 2009
- FOUCAULT, Michel. 1926-1984. **Arqueologia do poder**: Trad. De Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro. Forense Universitária,2008 (Campo teórico).
- FOUCAULT, Michel. 1926-1984.**Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège d’e France (1978-1979) / Michel Foucault; edição estabelecido por Michel Senellart; sob a

direção de François Ewald e Alessandro Fontana; Trad. Eduardo Brandão; revisão da trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008. - (coleção tópicos) (Campo teórico)

FONSECA, M.A. **A preocupação com o sujeito e o poder**. In Michel Foucault e a constituição do sujeito. São Paulo, Ed. EDUC, 1995. P. 35

FOUCAULT, Michel: **as formações históricas** / Gilles Deleuze; traduzido por Cláudio Medeiros, Mario A. Marino. – São Paulo: n-1 edições e editora filosófica politeia, 2017 304 p

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no Collège d'e France, pronunciada em 2 de dezembro do 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio, São Paulo: Ed. Loyola,1996(leituras filosóficas)

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 9ª ed. Edições Loyola, São Paulo, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, vozes. 1987. 288p

FOUCAULT, M. **As regularidades científicas**. In **Arqueologia do saber**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. pp 23 – 154

DELEUZE, G. **Os estratos ou formações históricas: o visível e o enunciável (saber)**. In *Foucault*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 2005. pp. 57-77.

FOUCAULT, M. **Da arqueologia à Dinástica**. In FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos IV: Estratégia Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, M. **Poder e Saber**. In FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos IV: Estratégia Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia. Poder-saber**/Michel Foucault.Org e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avelar-2ª ed. Rio de Janeiro. Forense. Universitário. 2006

FOUCAULT, Michel. “O sujeito e o poder”. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

SLOTERDIJK, Peter. **No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica**/ Peter Sloterdijk: Tradução de Cláudia Cavalcante. – São Paulo: Estação Liberdade, 1999 p.96

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e a ambivalência**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1999.